



## AS CRÔNICAS DE MOACYR SCLiar NA FOLHA DE SÃO PAULO: UM JOGO PARÓDICO

Lealis Conceição Guimarães\*

### RESUMO

Este trabalho visa a apresentar como se processa o jogo paródico na criação artística das crônicas do escritor contemporâneo Moacyr Scliar. Tais crônicas, publicadas semanalmente no jornal *Folha de São Paulo*, são sempre baseadas em notícias jornalísticas veiculadas anteriormente pelo mesmo periódico.

PALAVRAS-CHAVE : Moacyr Scliar; Notícias; Crônicas; Jogo Paródico.

### ABSTRACT

This work aims at presenting the way in which the parodic play in the artistic creation of chronicles by the Brazilian contemporary writer, Moacyr Scliar, is processed. Such chronicles, published weekly in the newspaper *Folha de São Paulo*, are always based on journalistic news issued earlier by the same newspaper.

KEY-WORDS : Moacyr Scliar; News; Chronicles; Parodical Play.

### INTRODUÇÃO

O interesse desta pesquisa surgiu da leitura das crônicas do escritor gaúcho Moacyr Scliar (1937- ), publicadas na página 2 do caderno "Cotidiano", do jornal *Folha de São Paulo*, atualmente às segundas-feiras.

Apresentando uma visão repleta de humor e ironia, típica de sua condição judaica, como faz questão de ressaltar, o escritor gaúcho Moacyr Scliar, nascido em 1937, em Porto Alegre, autor de vários livros abrangendo contos, romances, ficção juvenil, crônicas e ensaios, começou a escrever ainda criança. Já em 1951, ganhou o primeiro prêmio por redigir o melhor conto no *Jornal Mural* da escola em que estudava, tendo início, a partir daí, a produção literária scliariana. Premiado inúmeras vezes, com obras traduzidas em várias línguas, Scliar concilia a literatura com a profissão de médico sanitaria dedicado à saúde pública. Atualmente, ele escreve crônicas semanais nos jornais *Zero Hora*, de Porto Alegre, e *Folha de São Paulo*, de São Paulo.

---

\* Docente do Departamento de Educação e Ciências Sociais da UniFil.

Docente da Universidade Norte do Paraná - UNOPAR.

Doutoranda em Letras na Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Assis/SP.



Desde seu primeiro livro de contos, publicado em 1968, intitulado *Carnaval dos animais*, ao criticar a violência, Scliar já entremostra, em narrativas sucintas, com a linguagem cortante do seu humor, um mundo invertido, em que animais têm características sinistramente humanas, como se a vida fosse um palco festivo onde todos usam máscaras para melhor encenarem a desumanização do homem.

Seus trabalhos literários abordam assuntos da vida política e social do país e do mundo e, na maioria das vezes, têm fortes marcas do judaísmo, cuja simbologia manifesta-se especialmente através de desejos ou sonhos de seus personagens, os quais escapam de determinados parâmetros sociais para integrar a esfera do absurdo.

Uma grande conhecedora da obra desse escritor, Bella Jozef, afirma que Scliar,

*influenciado pelos mitos bíblicos da tradição judaica, num tom várias vezes profético, traz para as suas narrativas a presença do sobrenatural como forças misteriosas que condicionam a natureza e a vida do homem. Tudo transcorre no espaço literário, um espaço de fantasmas. (1987, p.40)*

Explica-se assim como, ao apresentar os grandes temas e as angústias do tempo atual, o escritor transporta o que considera realidade perturbadora para o espaço literário, valendo-se de forças sobrenaturais, quase sempre fundamentadas nos mitos e crenças da tradição judaica, como elementos extraídos do folclore e do imaginário do povo judeu.

Enfatiza-se a herança judaica de Scliar porque essa não é só uma questão cultural, é um estado de espírito permanente ao qual deve, principalmente, a sensibilidade da visão crítica do mundo para detectar a intolerância e a opressão que cercam a vida humana. Tal característica faz com que ele esteja sempre dissecando e analisando tudo e todos à sua volta, originando-se da observação contínua o seu impulso criador.

A propósito, evidencia-se que, independentemente da temática abordada, sobressaem o humor e a ironia, pelos quais o escritor mostra criticamente os disparates da realidade no contexto do passado histórico ou da atualidade.

### **Um jogo paródico**

A crônica, enquanto gênero, sempre provoca a reflexão do leitor sobre determinado aspecto do cotidiano e, como tal, está comprometida com a análise da realidade contemporânea, mas, desvinculada da linguagem objetiva do jornal, caracteriza-se pelo estilo literário mesclado com humor.

No caso específico das crônicas de Moacyr Scliar publicadas na *Folha de São Paulo*, a palavra da notícia se deixa transfigurar pela interferência da palavra literária, que passa então a constituir um universo discursivo autônomo, com toda a sua carga de invenção ficcional.

Durante algum tempo, a seção em que tais crônicas eram divulgadas intitulava-se "Boletim de Ocorrência", denominação que remete à idéia de assunto policial. No entanto, o que Scliar apresenta é a recriação do fato noticiado no terreno ficcional.

Ainda com relação à seção, a partir de 4 de setembro de 1997, embora escrita por Scliar, teve o nome alterado para "Cotidiano Imaginário", título que alia a origem do texto e seu caráter literário. De 11 de novembro em diante, ela passou a ser publicada às segundas-feiras, dia da semana mantido até hoje, mas, em 15 de maio de 2000, sofreu nova mudança no título, que ficou simplesmente "Moacyr Scliar".

Em uma carta enviada em 15 de maio de 1997 à autora deste trabalho, o escritor confessa que o processo de criação dessas crônicas obedece a um verdadeiro ritual. Assim ele explica:

*Para escolher as notícias, eu vou lendo o jornal todos os dias. De repente, lá está: algo que, por ser patético, ou grotesco, ou inusitado pega a condição humana, por assim dizer, desprevenida. Não é realismo mágico, mas é a realidade em seu limite, a realidade que às vezes parece ficção.*

É interessante destacar que a notícia selecionada pelo cronista como pretexto para a criação literária parece inacabada, visto que, além de permitir diversas possibilidades interpretativas, incita-o ao campo da imaginação. Cria-se uma situação em que o escritor não só se alimenta do mundo real, como também interfere nele, com seu tom irônico que descobre novos significados, os quais extrapolam os limites da lógica convencional. Diante disso, o emprego do humor como experiência estética revela-se característica primordial.

Os acontecimentos da vida, que retratam uma sociedade moderna desorientada e fragmentada, são os materiais interpretados pelo artista e, no caso, pelo cronista, pois tudo pode funcionar como argila, isto é, como material que deve ser aproveitado para esculpir sua arte. Assim, no processo de criação das crônicas, a argila é a notícia moldada artisticamente pelo escritor e transfigurada em literatura, o espetáculo de situações grotescas do cotidiano é transformado em ficção por Scliar.

Em vista disso, pode-se afirmar que a criação artística de Scliar se processa como um jogo de espelhos, em que um ou vários textos se projetam num outro, formando a crônica. No entanto, essa projeção adquire outra imagem porque são descobertos novos significados, especialmente os que chegam ao limite da lógica convencional, voltados para as necessidades cotidianas das pessoas. Passa-se ao mundo da imaginação e esse transporte do real para o fictício realiza-se pela criação literária carnalizada, uma inversão que produz a crítica às ordens e aos valores predeterminados, como já se enfatizou.

Merece destaque a ironia do texto, que é a tônica desse jogo artístico-literário e manifesta-se implicitamente, sendo necessária sua inserção no contexto da época, o que depende, para a projeção de sentidos, de um conhecimento comum entre escritor e leitor. Diante disso, o leitor é despertado por uma espécie de humor que não perde de vista as fraquezas humanas, principalmente as aflições das classes média e baixa da sociedade. Tais aflições podem gerar conflitos psicológicos que, muitas vezes, são transformados em neurose, *doença do século XX*, segundo Scliar (1987, p.69).



As narrativas, escritas em tom irônico, levam o leitor a rir e, ao mesmo tempo, a refletir sobre a temática proposta, pois, com humor crítico e misturando realidade e imaginação, Scliar questiona um dos grandes problemas da modernidade: como o ser humano pode encontrar a si mesmo e entender-se no conturbado mundo de hoje. Em função disso, a força da palavra da ficção, mesmo em textos curtos como o da crônica, permeia desde o conflito interpessoal até a conjuntura social.

Assim, Moacyr Scliar perscruta a vida humana e a desvela ao público, apresentando uma importante criação literária que analisa a realidade vivente e se contrapõe a convencionalismos sociais cristalizados. Como cronista em busca de situações insólitas, revela profunda preocupação com os acontecimentos relacionados ao ser humano, fazendo-o de forma a estimular no leitor o riso, mas um riso contido, reduzido, que não se manifesta na gargalhada escancarada, e sim no meio-riso, aquele que enlaça comicidade e amargura.

Em verdade, não há como se definir esse tipo de humor praticado por Scliar. Pode-se dizer apenas que é um humor sutil que busca humanizar o sofrimento e os sentimentos, sem distinção, como contributo para um mundo mais justo e igualitário. O escritor ataca a hipocrisia que estrutura determinadas relações sociais, abarcando temas relacionados à família, à saúde, à alimentação e à oposição riqueza e pobreza, entre outros.

Nas crônicas, tal humor, qualificado pelo próprio escritor como "humor judaico", situa-se no intervalo flutuante entre o lúdico e o crítico, desvelando tudo o que fere o valor e a dignidade do ser humano, com uma linguagem de sentido essencialmente ambíguo.

Entretanto, nem todo humor feito por judeus é considerado como caracteristicamente judaico, segundo explicam Scliar, Finzi & Toker na obra *Do Éden ao divã: Humor judaico*, uma antologia repleta de pequenos ensaios, historietas, provérbios e anedotas. Eles ressaltam que o "humor judaico", como forma de comentário social ou religioso, *pode ser sarcástico, queixoso, resignado, provocando, não uma gargalhada, mas um sorriso melancólico, um aceno de cabeça, um suspiro* (1991, p.1). Os autores notam que o riso reflexivo diante da vida, incitado por esse tipo de humor, é uma reação diferenciada daquela oriunda da maioria das cenas cômicas, porque não provém do infortúnio das pessoas, mas de uma análise crítica dos fatos.

Na contracapa desse livro, o também cronista gaúcho Luís Fernando Veríssimo, ao tecer considerações sobre este tipo de humor, assevera que *o humor judeu é, de certa forma, a contrapartida do misticismo judeu*. O referido escritor explica que o misticismo, arraigado em um povo marcado por amarguras, transforma-se na arma crítica do humor.

O que estabelece a coesão na obra de Scliar, especialmente nas crônicas, é esse humor irônico, agridoce (como destaca o próprio autor), às vezes corrosivo, que faz o leitor pensar antes de rir. Seus textos apresentam uma cosmovisão carnavalesca que reúne tudo o que foge à lógica, produzindo no leitor uma espécie de surpresa diante das situações incomuns vivenciadas pelas personagens fictícias.



Resulta daí a paródia, que pode ser considerada, como diz Hutcheon, *uma forma pós-moderna perfeita, pois, paradoxalmente, incorpora e desafia aquilo a que parodia* (1991, p.28). Diante dessa assertiva, faz-se necessário reafirmar que a transposição citada instaura o jogo paródico entre a crônica scliariana e a notícia através de um processo multívoco, em que diferentes discursos se cruzam, completando-se ou desafiando-se. É um recurso usado pelo autor para revelar, com humor, as variadas e complexas facetas da existência humana e oferecer ao leitor oportunidade para a reflexão. Para tanto, o cronista apresenta sua cosmovisão no faz-de-conta do mundo ficcional, dando margem a novas possibilidades de interpretação, de acordo com as novas dimensões que ele propõe ao leitor.

Com efeito, o escritor consegue que um assunto muito sério converta-se em exercício estético do riso crítico, em que a sutileza da ironia é resultado do jogo dialógico entre a narrativa, em tom "irônico-paródico-ambivalente", e a realidade noticiada. Diante disso, pode-se não só ver e analisar o mundo por um foco inusitado, como também transportar-se, por algum tempo, para um universo de fantasia.

O cronista penetra profundamente nos acontecimentos e expõe aspectos relevantes destes que, às vezes, parecem irrealis e, através do labor literário, mostra-os ao mundo, uma vez que seu intuito é estimular as pessoas a enxergarem melhor o que está acontecendo à sua volta e a reagirem conscientemente. Além disso, Moacyr Scliar, cronista, ao escrever a paródia, faz com que se reconsiderem certos pressupostos literários como a originalidade artística e sua relação de proximidade ou não com o real.

### Considerações Finais

No exame da relação entre notícia e crônica, há ainda outra questão a considerar. É interessante salientar o absurdo da realidade transportada para a ficção paródica pelo olhar do cronista, que espia o mundo e envolve o leitor numa visão perturbadora do cotidiano, em que o real e o imaginário se fundem, evidenciando vínculos possíveis entre o estético e o social.

Vale ressaltar que há sempre um estado de perturbação, no universo ficcional scliariano, que ajuda a instaurar a ironia no texto e se manifesta implicitamente. Para se entender o teor crítico contido nas entrelinhas da crônica, é necessária a inserção do leitor no contexto da narrativa, pois tal compreensão depende de um conhecimento comum entre escritor e leitor, um saber compartilhado, que relaciona notícia e crônica e, ainda, outras referências textuais literárias ou não.

A intertextualidade se processa, portanto, com a absorção e transformação de outros textos que se refletem na superfície de um texto literário especial. Em decorrência, as crônicas de Scliar implicam não só a relação entre escritor e leitor, mas também entre o texto e as condições sócio-culturais em que ele é produzido.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

CANDIDO, Antonio [et al.]. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**. Lisboa: Edições 70, 1985.

\_\_\_\_\_. **Poética do Pós-Modernismo: história, teoria e ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JOSEF, Bella. Literatura judaica no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Herança judaica** (68). São Paulo, jun. 1987, p.27-40.

SCLIAR, Moacyr. **A condição judaica: das Tábuas da Lei à mesa da cozinha**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

\_\_\_\_\_. **Folha de São Paulo**. Cotidiano, p.C2, 2001.

SCLIAR, Moacyr; FINZI, Patrícia; TOKER, Eliaher. **Do Éden ao divã: humor judaico**. São Paulo: Shalom, 1991.